



Revista Digital do LAV

E-ISSN: 1983-7348

revistadigitaldolav@uftsma.br

Universidade Federal de Santa Maria

Brasil

Maddalozzo, Sheila; Amorim, Rebeca
Arte Contemporânea na Educação Infantil: uma proposta de estágio
Revista Digital do LAV, vol. 1, núm. 1, septiembre, 2008
Universidade Federal de Santa Maria
Santa Maria, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=337027033010>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Arte Contemporânea na Educação Infantil: uma proposta de estágio

Sheila Maddalozzo¹
Rebeca Amorim²

Resumo

O artigo relata a experiência de acadêmicos do Curso de Artes Visuais da Universidade Regional de Blumenau – FURB/SC, na disciplina de Estágio Curricular Supervisionado em Artes Visuais II, ministrada por mim no segundo semestre de 2006, em que abordaram a Arte Contemporânea na Educação Infantil. A escolha pelo tema se deu devido a dificuldade de apreciação da arte contemporânea, pois o grande público tem pouco contato com esse tipo de produção artística e ainda menos com os novos conceitos de apreciação necessários para tal. Acreditando que a educação visual começa desde cedo, optou-se por desenvolver esse tema junto às crianças, iniciando-as no contato com a arte contemporânea, perguntando se elas estariam aptas a sua fruição. A premissa era que o tema encontraria aceitação do público infantil, pois este possui grande abertura de espírito, condição indispensável para a apreciação da arte contemporânea. Três equipes de acadêmicos aceitaram o desafio e elaboraram projetos dentro desta temática, cada qual com uma abordagem específica: 1) A arte contemporânea sob a ótica ingênua da criança, 2) Arte contemporânea: preparando o olhar da criança, 3) Um diálogo entre as linguagens de arte e a arte contemporânea ecoando na Educação Infantil. Os estágios foram realizados respectivamente na escola Arno Zadrosny e em dois Centros de Educação Infantil, Augusto Köester e Érica Braun, todos na cidade de Blumenau. Os resultados foram amplamente satisfatórios e confirmou nossa suposição inicial, a de que a criança pode desenvolver critérios de produção e fruição da arte contemporânea.

Palavras-Chave: arte contemporânea; educação infantil; fruição estética.

Abstract

The article relates the experience of students from the Visual Arts major at the University of Blumenau Regional - FURB, during the course of Curricular Supervised Internship II in Visual Arts, lectured by me in the second half of 2006, which addressed the Contemporary Art in Children Education. The theme was chosen due to the difficulty of assessing contemporary art, as the general public has little contact with this kind of artistic production and even less with the new concepts of appreciation required for such. Believing that visual education begins early, it was decided to develop this theme with the children, initiating them into contact with contemporary art, questioning if they would be able to its enjoyment. The premise was that the theme would find acceptance among children, as they possess great openness of mind, an indispensable condition for the appreciation of contemporary art. Three teams of students have accepted the challenge and developed projects within this

¹ Graduação em Artes Plásticas / Licenciatura pela UDESC, doutorado em História da Arte pela SORBONNE, na Universidade de Paris I, cidade onde residiu entre 1988 e 1997. Atua na Universidade Regional de Blumenau – FURB desde 2000 (curso de Arquitetura com as disciplinas Atelier e Maquetaria I e II e curso de Artes em História da Arte, e mais recentemente Semiótica e Estágio) tendo sido coordenadora do curso de Artes entre 2002 e 2006 e Conselheira do MAB – Museu de Arte de Blumenau entre 2004 e 2006. Atualmente desenvolve projetos de pesquisa sobre as linguagens das artes visuais contemporâneas.

² Graduação em Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Regional de Blumenau, FURB. Atua como professora de Artes no ensino público desde 2006 em Blumenau. Atualmente, cursa pós-graduação (especialização), em Arte-Educação, para a qual desenvolve pesquisa sobre Arte Contemporânea e Educação.

theme, each with a specific approach: 1) The contemporary art from the naïve perspective of a child, 2) Contemporary Art: preparing the eyes of the child, 3) A dialogue between the languages of art and the contemporary art echoing in Children's Education. The internships were held, respectively, at Arno Zadrosny School and in two Centers of Children Education, Augusto Köester and Érica Braun, all in the city of Blumenau. The results were broadly satisfactory and confirmed our initial assumption, that the child can develop criteria for production and enjoyment of contemporary art.

Keywords: Contemporary Art; Child Education; aesthetics.

A disciplina de Estágio Curricular Supervisionado em Artes Visuais II acontece na 6^a fase do Curso de Artes Visuais da FURB e objetiva relacionar teoria e prática de ensino na elaboração, aplicação e análise de projeto educativo em Arte na Educação Infantil, mediante diagnóstico da realidade escolar.³ Este é o primeiro contato direto do acadêmico com a regência de classe, pois até então as atividades relativas ao estágio limitam-se à observação. Isso, além de ser minha primeira experiência à frente da disciplina, foi um fator que gerou certa apreensão nos acadêmicos, aliada ao fato do estágio ser desenvolvido junto à Educação Infantil, uma faixa etária muito particular e com a qual poucos tinham tido contato até então.⁴

O desafio foi valorizado pela temática inicialmente aventada, a Arte Contemporânea, tema que atraiu vários acadêmicos, devido à complexidade das questões decorrentes. A observação e o diagnóstico nos diferentes locais de estágio acabaram comprovando a viabilidade da proposta.

Por outro lado, a idéia de diversas equipes desenvolverem um mesmo tema, aplicando-o em diferentes campos de estágio, foi bastante instigante. Muitas vezes, as propostas de estágio, embora interessantes, acontecem de maneira isolada, fragmentando os resultados da ação

³ O estágio supervisionado (...) representa um momento significativo para a elaboração criativa e crítica da ação pedagógica, proporcionando ao aluno um diálogo constante com a realidade circundante, atuando de forma contextualizada. Objetiva conduzir o aluno a entrar em contato com a realidade da educação escolar, aplicando os conteúdos teóricos, despertando sua aptidão para o ensino e a pesquisa, problematizando e elucidando as ações educativas em Arte nas escolas públicas e privadas, museus, centros culturais e pedagógicos. (BARBOSA, 2003, p. 167)

⁴ As crianças possuem uma natureza singular, que as caracteriza como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio. Nas interações que estabelecem desde cedo com as pessoas que lhe são próximas e com o meio que as circunda, as crianças revelam seu esforço para compreender o mundo em que vivem, as relações contraditórias que presenciam e, por meio das brincadeiras, explicitam as condições de vida a que estão submetidas e seus anseios e desejos. No processo de construção do conhecimento, as crianças se utilizam das mais diferentes linguagens e exercem a capacidade que possuem de terem idéias e hipóteses originais sobre aquilo que buscam desvendar. Nessa perspectiva as crianças constroem o conhecimento a partir das interações que estabelecem com as outras pessoas e com o meio em que vivem. O conhecimento não se constitui em cópia da realidade, mas sim, fruto de um intenso trabalho de criação, significação e ressignificação. (REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL, 1998, p. 21-22)

pedagógica. Ora, o fato de termos uma temática comum apontava para a possibilidade de reforçar nossas questões iniciais. Poderíamos comprovar a eficácia das propostas a partir de diferentes contextos educacionais, confrontando situações e realidades diversas a um mesmo eixo norteador.

Assim, três projetos tiveram essa temática central, sendo dois desenvolvidos por duplas e um terceiro, em que a estagiária atuou individualmente. Jean Carlos Correa e Rebeca Amorim estagiaram na escola Arno Zadrosny, com o projeto “A arte contemporânea sob a ótica ingênua da criança”, no C.E.I. Augusto Köester atuaram Jéssica Rutz Campos e Sonia Freitas com o projeto “Arte contemporânea: preparando o olhar da criança”, e no C.E.I. Érica Braun a estagiária Tarcia da Silveira Fischer desenvolveu o projeto “Um diálogo entre as linguagens de arte e a arte contemporânea ecoando na Educação Infantil”.

O interesse pela arte contemporânea deveu-se a vários fatores. Além da própria pertinência do tema, estes acadêmicos, ao longo de sua formação, tiveram a ocasião de visitar exposições como as Bienais de São Paulo e do Mercosul, em que se depararam com obras contemporâneas que suscitarão tanto sua perplexidade como sua fascinação. É fato que a arte contemporânea não é de fácil apreensão, mesmo para estudantes da área. Quanto ao público leigo, a dificuldade é ainda muito maior. É visível o desconforto do observador, advindo, sobretudo do fato da arte contemporânea não corresponder, geralmente, ao que se espera de uma obra de arte.

Mas a que fruição se propõe a arte contemporânea? Certamente não corresponde ao prazer harmônico definido historicamente. Critérios como belo, agradável, correto e harmonioso já não se mostram suficientes para a apreciação da arte de hoje. Tais conceitos foram formulados e estabelecidos a cada civilização em seu determinado espaço-tempo. Diferentes sociedades criaram padrões estéticos distintos, diferentes em cada momento, e que foram apreciados ou não, pelo público a que se destinavam.

Certamente só podemos apreciar a arte contemporânea se desenvolvemos critérios de apreciação contemporâneos. Não podemos nos postar diante de uma obra contemporânea munidos de antigas expectativas, esperando encontrar ali o protótipo do belo universal. Tal conceito se mostrou suficientemente mutante ao longo da história para que pudéssemos supor conservá-lo em uma única e estanque fórmula ainda hoje.

A apreciação da arte contemporânea pressupõe uma ampla abertura de espírito, que comporte visões e situações inusitadas, perturbadoras, incompreensíveis. Não nos é mais oferecido um deleite ilusionista, agradável e passivo, mas uma interpelação entre nós e a obra, entre nós e o artista, entre nós e nosso mundo, entre nós e nós mesmos. Na arte contemporânea a contemplação passiva cede espaço a uma experiência estética ativa do espectador⁵.

Na arte contemporânea a obra se manifesta não mais pela harmonia etérea universal, mas como expressão do eu caótico, do eu-artista e do eu-observador no perplexo contexto de agora. Tanto a produção artística se transformou como o comportamento que se espera do observador. Não só o objeto artístico mudou, mudaram também as perguntas diante da obra. O que espero ver, receber, sentir diante de uma obra de arte?⁶

As múltiplas linguagens da arte contemporânea estabelecem novos códigos de expressão, em que a manifestação íntima do artista pressupõe reflexão própria do observador para que uma efetiva comunicação se estabeleça. Tais códigos requerem uma percepção mais sutil do que aquela primeira que comove o público leigo. Nesse pressuposto, a arte contemporânea necessita ser explicada e vivenciada como experiência estética para que uma efetiva fruição aconteça.

Diante da arte contemporânea o espectador deve formular novos critérios de apreciação, descartando antigos e consagrados preceitos, pois estes já não se mostram suficientes para a fruição da arte de hoje. A contemporaneidade propõe alternativas múltiplas tanto para artista como para espectador, amplificando as relações da Arte sobre a sociedade⁷. Ou ainda como afirma Archer (2001, p. 106): “A obra não é meramente algo para se olhar, mas um espaço a ser adentrado e experimentado de um modo físico pleno”.

⁵ Quando o público apodera-se de uma obra para “finalizar” um processo criativo – acreditando viver uma experiência estética significativa, ou dela participando, como massa de manobra, para determinar sua realização – rompendo a relação “petrificada” entre representação e realidade, palco e platéia, o artista sucumbe à tentação do poder e adota os processos de integração e exclusão inerentes à depuração estilística. Age segundo o desejo do público que, impotente para criar, quer ao menos manipular as potências da criação. (NAZARIO, *apud* GUINSBURG; BARBOSA, 2005, p. 50)

⁶ A autonomia estética da obra de arte tornou-se totalmente visível justamente com a perda das antigas funções. Ela foi liberada, por assim dizer, depois que as primeiras obrigações foram suprimidas. Por isso o novo observador também pode lidar livremente com a arte, sem se deixar desviar por conteúdos e símbolos. (BELTING, 2006, p. 192)

⁷ O contemporâneo é, de determinada perspectiva, um período de desordem informativa, uma condição de perfeita entropia estética. Mas é também um período de impecável liberdade estética. Hoje não há mais qualquer limite histórico. Tudo é permitido. (DANTO, 2006, p. 15).

Mesmo que grande parte de nossa formação advenha de “informações anteriores”, as relações imediatas que estabelecemos com nosso mundo acontecem no presente, onde existe tão somente o aqui e o agora. Nós só existimos na medida em que estabelecemos situações com nossa realidade contemporânea. Assim, se entendermos que nosso relacionamento global imediato só se dá a partir de códigos contemporâneos, também um pleno e harmonioso relacionamento de ordem estética com nosso mundo só se completaria com a fruição da arte que nos é contemporânea. Um sujeito de hoje, para estar plenamente conectado com seu espaço-tempo de vida, e gozar de um entendimento total do ponto de vista estético, deveria fruir da arte que lhe é contemporânea, pois “somente a arte que está sendo produzida aqui e agora, enquanto estamos vivos e presentes, pode ser chamada propriamente de nossa” (GARDNER, 1996, p. 34).

Da mesma forma, a integração estética e sensível da criança com seu entorno se faz pela fruição da arte contemporânea. Assim como a criança, para se relacionar socialmente com seus próximos, se serve de uma linguagem oral comum a seus contemporâneos, para se relacionar esteticamente com seu cotidiano ela deveria igualmente desenvolver seu vocabulário a partir de expressões artísticas que lhe fossem contemporâneas.⁸

Antes de formular distintamente as palavras, a criança as balbucia, alegre ou ansiosamente até se fazer entender, estabelecendo um primeiro contato com uma linguagem ainda desconhecida. Ou ainda, pode simplesmente cantar as palavras, divertindo-se com sua sonoridade antes mesmo de compreendê-las de fato, e nem por isso sentirá menos prazer na descoberta do som em si. O mesmo processo lúdico deve ocorrer em relação à arte contemporânea, cuja apreciação pressupõe grande abertura de espírito por parte do observador.

Ora, a criança é sujeito que mais apresenta essa fertilidade de espírito, tão necessária para a fruição da arte contemporânea, pois está imune à pré-noções históricas de gosto e de apreciação estética. Para ela, a fruição artística perpassa experiências mais empíricas do que

⁸ (...) é na cotidianidade que os conceitos sociais e culturais são construídos pela criança, por exemplo, os de gostar, desgostar, de beleza, feiúra, etc. Esta elaboração se faz de maneira ativa, a criança interagindo vivamente com as pessoas e sua ambiência. Em outras palavras, a criança participa de diversas maneiras das complexas manifestações sócio-culturais, como sucede com as artísticas, estéticas e comunicacionais, e, participando, ela é capaz de reelaborá-las, de reconstruí-las em seu imaginário, formando idéias e sentimentos sobre as mesmas, e expressá-las em ações. (FERRAZ e FUSARI, 1993, p. 42)

intelectuais, mais espontâneas do que as fabricadas historicamente. O aspecto lúdico, tão importante nesta faixa etária, é outro aliado de peso nessa empreitada. Muitas obras contemporâneas permeiam esse aspecto do observador, que infelizmente nem sempre o cultiva quando adulto, a ponto de despertá-lo no momento de apreciação da obra.⁹

Assim, acreditávamos na capacidade da criança em produzir e fruir plenamente a arte contemporânea.¹⁰ Partindo desta premissa, os três projetos foram elaborados seguindo algumas perguntas norteadoras, como a maneira da criança conhecer novas linguagens das artes visuais e como relacionar sua própria prática artística e a arte contemporânea.

Embora as ações e os objetivos específicos tenham sido distintos nos três casos, gerados a partir do contexto dos locais de estágio e das particularidades e necessidades de cada um, todos os projetos privilegiaram o aspecto lúdico da criança, o qual foi constantemente valorizado e estimulado.

Igualmente, foi realizada uma contextualização histórica e artística a fim de apresentar às crianças obras de artistas contemporâneos, como Luis Henrique Schwanke, Katsuko Nakano, Christo, Robert Smithson. Em todos os casos, esta contextualização ocorreu após a produção artística das crianças. O objetivo assim era o de não inibi-las ou influenciá-las com imagens vistas anteriormente. As produções infantis foram fotografadas, ampliadas e apresentadas posteriormente, tal qual as imagens de *Posterbook* dos artistas. Isso causou grande emoção nas crianças, cuja auto-estima foi reforçada, pois viram seu trabalho valorizado ao confrontá-lo com o de grandes artistas, e diante dos quais nada deixavam a desejar.¹¹

As metodologias empregadas, embora variadas, contemplaram a criação de composições bidimensionais e tridimensionais a partir de diversos materiais e técnicas, além da execução de Instalações

⁹ As atividades lúdicas são também indispensáveis à criança para a apreensão dos conhecimentos artísticos e estéticos, pois possibilitam o exercício e o desenvolvimento da percepção, da imaginação, das fantasias e de sentimentos. O brincar nas aulas de arte pode ser uma maneira prazerosa de a criança experientiar novas situações e ajudá-la a compreender e assimilar mais facilmente o mundo cultural e estético. (FERRAZ e FUSARI, 1993, p. 84)

¹⁰ A palavra fruição deriva do verbo latino “fruere”, que significa “estar na posse de”, “possuir”. Fruição é, portanto, a ação decorrente da relação estética entre o sujeito e o objeto artístico. (PROPOSTA CURRICULAR DE SANTA CATARINA, 1998, p. 10)

¹¹ A observação da própria produção, da dos colegas, ou de obras de arte, reconhecidamente motiva o aluno, que se renova com essa experiência, além de ser essa, no nosso entender, a melhor forma de ele conhecer e compreender a arte (em todos os sentidos). (TATIT e MACHADO, 2004, p. 6)

a partir das peças construídas pelas crianças. Nos três casos, a prática pedagógica culminou com uma exposição do material elaborado pelas crianças em cada local de estágio. As reações das crianças foram unânimes, ao verem seus trabalhos expostos, encheram-se de alegria e orgulho diante do que haviam realizado.

Outro fator inovador da disciplina foi a mostra destes trabalhos nos espaços da Universidade, em uma exposição que reuniu, além dos estagiários, as crianças e seus professores, em um evento de grande impacto sobre a comunidade discente e docente. A intenção era, de um lado, socializar nosso espaço acadêmico com os professores que haviam recebido os estagiários, e assim reforçar o compromisso da Instituição com os campos de estágio, e de outro, demonstrar às crianças a importância creditada às suas produções, expondo-as em um ambiente universitário, como forma de valorização desse trabalho.

Ao definirmos a arte contemporânea como tema central dos estágios, concentramo-nos em alguns conceitos inerentes a essa modalidade, tais como tridimensionalidade, abstração, Instalação e efemeridade, os quais foram abordados de maneira adequada a essa faixa etária. Da mesma forma, as crianças sempre foram estimuladas a refletir sobre suas criações, e seus comentários demonstraram grande acuidade de percepção.

Na escola Arno Zadrosny, as crianças elaboraram composições tridimensionais sobre suportes circulares, cobertos com um fundo de gesso, sobre o qual colocaram pequenos bonecos de plástico, separados uns dos outros por recipientes de vidro e de papel. Solicitados a discorrer sobre a obra, relacionaram-na com a situação em que vivemos hoje, na qual, embora aparentemente estejamos próximos uns dos outros, cada um permanece isolado em seu pequeno mundo.¹²

¹² A naturalização do poder criador da criança sustenta a sacralização de toda realização infantil como criação a partir de uma imaginação gratuitamente “criativa” apenas pelo fato de ser infantil. Sacralização gestada na modernidade, enraizada na concepção de infância pura, ingênua, despreocupada, não corrompida pela convivência mundana, eternamente feliz na espontaneidade de suas fantasias, ignorando os truques, as estratégias e os desvios característicos da “fabricação” do poema e da pintura, das astúcias do poder operar e transformar palavras, sons, traços, manchas, massas, no ato de ficcionalizar o real e instaurar sentidos na convivência. (RICHTER, 2005, p. 180)



FIGURA 01. Composições tridimensionais da Pré-escola (Escola A. Zadrosny). Fonte: Jean Carlos Correa.

Quanto ao conceito de abstração, este só poderia ser compreendido se confrontado ao conceito de figurativo, o qual foi trabalhado sob a forma de auto-retratos, que as crianças elaboraram em papéis de dimensões pré-definidas. Concomitantemente, o conceito bidimensional foi assim explorado. Para a mostra final na universidade, montamos um painel com todos esses desenhos, os quais foram fotocopiados e colados sobre uma estrutura tridimensional vazada, em forma prismática triangular. Durante a exposição, as crianças imediatamente se apropriaram dessa estrutura, adentrando alegre e ruidosamente esse espaço, criando ali um novo campo de brincadeira.



FIGURA 02: Exposição na Universidade. Fonte: Sonia Freitas.

Uma vez apresentado o conceito de figurativo, a abordagem do conceito de abstração foi definida a partir de uma estratégia comum aos três projetos, que ao mesmo tempo enfocou o aspecto tridimensional, propondo a execução de peças em argila. Nossa preocupação inicial era de que as crianças relutassem em realizar formas abstratas e elaborassem apenas peças figurativas. Isso foi contornado com uma atividade lúdica, uma brincadeira de “Pega-Larga”, em que as crianças deveriam amassar pequenos pedaços de argila ao som de um ritmo. Ao interrompê-lo, elas deveriam largar a argila modelada e com o reinício da música,

pegar um novo pedaço, sucessivamente. A ação da música e a brincadeira foram estimulantes para os grupos, que se divertiram fazendo a atividade, que se encerrou com todos dançando alegremente. O resultado desse jogo lúdico foi uma quantidade considerável de peças abstratas, em que se viam, sobretudo, a impressão dos dedos das crianças.



FIGURA 03: Formas abstratas em argila produzidas pelas crianças (CEI A. Köester). Fonte: Jéssica R. Campos.

Apesar do figurativismo ser bastante presente nessa faixa etária, a abstração foi um conceito bem compreendido pelas crianças. A fim de satisfazê-las na ânsia pela forma reconhecível, após a realização das peças abstratas, elas puderam criar livremente, demonstrando forte tendência figurativa, como, aliás, era esperado. No entanto, sendo devidamente orientadas, não apresentaram qualquer relutância em concentrar-se em representações abstratas, demonstrando grande facilidade de aceitação dessa linguagem. As peças foram perfuradas e uma vez secas, foram unidas por barbante ou palitos de madeira, e montadas no chão ou sobre suportes, criando Instalações variadas, segundo o desenrolar das ações pedagógicas e, portanto, diferentes em cada campo de estágio.



Figura 04: Peças de argila montadas sobre palitos de madeira (Escola A. Zadrosny). Fonte: Jean Carlos Correa.

As crianças definiram a forma final que a Instalação teria, participando ativamente de sua montagem. O fato de construírem juntos uma Instalação a partir de peças elaboradas individualmente foi outro fator relevante, pois o trabalho em grupo, com um objetivo comum que salienta a integração, também é um conceito que a arte contemporânea nos oferece.



Figura 05: Peças de argila montadas sobre palitos de madeira (CEI A. Köester). Fonte: Jéssica R. Campos.

Na exposição realizada na universidade, as diferentes estruturas, já desmontadas, foram remontadas em uma única estrutura que circundava a parede lateral do prédio. As crianças, ao reconhecerem as peças que haviam produzido e que se encontravam re-organizadas, ficaram surpresas e animadas, além de orgulhosas por terem suas obras expostas ali.¹³

No C.E.I. Augusto Köester as peças abstratas em argila foram unidas por palitos de madeira e fotografadas, antes da exposição, para a qual as crianças confeccionaram os convites, os quais entregaram solenemente em cada sala de aula. O espaço foi arranjado como um local de exposição, as peças protegidas com uma fita de proteção delimitando a aproximação dos observadores. As próprias crianças conduziam os professores, orientando-os para não ultrapassarem a fita limite. Essa atitude apontou a preocupação das crianças na apresentação de seus trabalhos, assim como ilustrou o comportamento que se espera em qualquer museu.

¹³ (...) o principal em qualquer prática artística é o conhecimento que se adquire quando a expressão supera as barreiras dos estereótipos formais e se encontra com o inusitado, e esta possibilidade está presente sempre que se faça arte, independentemente da técnica e maturidade do praticante. Com um pouco de bom senso, o professor pode quebrar a lógica dos exercícios “destinados aos pequenos e aos grandes”, oferecendo desafios a ambos. (TATIT e MACHADO, 2004, p. 4)

No C.E.I. Érica Braun as peças em argila, unidas por barbante, foram montadas no jardim em forma de caracol, cujo resultado final lembrava a obra “Molhe em Espiral” de Robert Smithson. É importante salientar que as crianças só viram imagens desta obra uma vez sua própria Instalação realizada, o que serviu para valorizar o trabalho do grupo, ao compará-lo ao de um artista renomado, servindo assim de estímulo para as crianças em relação às suas próprias conquistas.



Figura 06: Instalação no jardim (CEI Érica Braun). Fonte: Tarcia da Silveira Fischer.

No dia seguinte, devido à chuva, as peças apresentavam diferenças de cor, o que serviu para exemplificar o aspecto perecível e efêmero da obra. As crianças guardaram fotos da montagem, preparadas pela estagiária sobre suportes de imãs, e não se incomodaram em desfazer a obra em seguida.

O conceito de efemeridade¹⁴, outro importante aspecto da arte contemporânea, foi abordado também na escola Arno Zadrosny, em que as crianças, após se terem fotografado umas as outras, desenharam essas imagens sobre a areia, para logo em seguida as apagarem com os pés. Questionadas se não sentiriam falta dos desenhos, as crianças imediatamente responderam: “Não, fazemos outro!“¹⁵

¹⁴ O desinteresse pela permanência do produto de seu trabalho criativo passou, assim, a partir dos anos 60, a ser uma característica do artista de nosso tempo, que especula com materiais não convencionais, para preocupação e desafio de conservadores e diretores de museus. Daí porque a característica do efêmero, do envelhecimento visível na fisicalidade da obra, detectável nos objetos realizados, torna a produção artística de nosso tempo, com exceção da pintura, da escultura e das artes gráficas, obrigatoriamente vinculada ao registro documental, para fins de constatação de sua realização no espaço e no tempo (AMARAL, 2006, p. 154).

¹⁵ O que é muito desconcertante, para a criança, é a oposição entre as coisas que mudam, que não eram ou que não são mais, que começam ou acabam, e as representações que delas faz a criança, onde a existência das mesmas está ligada a imagens determinadas, a práticas habituais. Na medida em que procura definir melhor, para si mesma, os traços essenciais, a realidade deles, ela apenas aumenta a estabilidade, o imobilismo das noções que



Figura 07: Desenho sobre areia (Escola A. Zadrosny). Fonte: Rebeca Amorim.

Uma vez as regências concluídas, pudemos constatar a eficácia das propostas.¹⁶ O denominador comum aos estágios, além do tema central dos projetos, foi a constante preocupação em respeitar o universo infantil e suas particularidades. Nesse sentido, uma atenção especial foi dada ao aspecto lúdico, inerente à criança e tão importante para a fruição da arte contemporânea, o qual permeou todas as práticas pedagógicas, tendo sido permanentemente valorizado e sem o qual as propostas não teriam obtido o mesmo sucesso. As ações empreendidas se deram por meio de brincadeiras estimulantes, tornando-se assim bastante prazerosas para as crianças. Conteúdos específicos da disciplina de Artes foram abordados de maneira informal e totalmente adequados à linguagem e percepção infantis, pois certamente a compreensão dos conceitos apresentados não teria acontecido de outra forma.

Construímos junto às crianças, a compreensão de conceitos como figurativo/abstrato, bi/tridimensional, efemeridade, Instalação, por meio de atividades lúdicas. Dessa forma, a experiência estética potencialmente subentendida na fruição da arte contemporânea foi efetivada pelas crianças, que mesmo sem codificar conceitos ou criar obras de arte, puderam experienciar tais conceitos.

Comprovamos que as crianças são plenamente aptas a fruir a arte contemporânea, pois demonstram prazer no fazer artístico, além de estarem isentas de pré-noções estéticas

lhes correspondem e torna, assim, a antinomia mais aparente. Provavelmente, suas representações ainda não têm o mesmo grau de abstração ou de individualidade que as do adulto. Não apresentam nem a mesma pureza conceitual, nem a mesma singularidade concreta. Elas não são nem gerais, nem particulares. (WALLON, 1989).

¹⁶A educação estética tem como lugar privilegiado o ensino de Arte, entendendo por educação estética as várias formas de leitura, de fruição que podem ser possibilitadas às crianças, tanto a partir de seu cotidiano como de obras de Arte. Compreender o contexto dos materiais utilizados, das propostas, das pesquisas dos artistas é poder conceber a Arte não só como um fazer, mas também como uma forma de pensar em e sobre Arte. (BARBOSA, 2003, p. 72).

fabricadas historicamente, não se preocupando com conceitos e padrões rígidos de gosto. Concluímos que as crianças estão amplamente capacitadas para desenvolver senão conceitos intelectuais, experiências cognitivas significativas no processo de apreciação da arte contemporânea.

Por fim, cabe salientar que a temática Arte Contemporânea revelou-se tão fecunda que continuou a ser a proposta de estágio destes acadêmicos nos semestres subseqüentes, ou seja, em Estágio Curricular Supervisionado em Artes Visuais III e IV, ainda ministrados por mim, e referentes ao Ensino Fundamental e Médio, que aconteceram respectivamente no primeiro e segundo semestre de 2007. Além de demonstrar as inúmeras possibilidades de desdobramentos pedagógicos, esse tema comporta uma urgência ressentida por estes agora, recém formados Arte Educadores, a educação estética do sujeito no que se refere à contemporaneidade.

Referências Bibliográficas

- AMARAL, ARACY A. **Textos do Trópico de Capricórnio**: artigos e ensaios (1980-2005) – Vol. 3: Bienais e artistas contemporâneos no Brasil. São Paulo: Ed. 34, 2006.
- ARCHER, M. **Arte contemporânea**: uma história concisa. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BARBOSA, A. M. (Org.) **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. 2^a ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- BELTING, H. **O fim da história da arte**: uma revisão dez anos depois. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- DANTO, A. **Após o fim da arte**: a arte contemporânea e os limites da história. São Paulo: Odysseus Editora, 2006.
- FERRAZ, M. H. C. de T., FUSARI, M. F. de R. **Metodologia do ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 1993.
- GARDNER, J. **Cultura ou lixo?** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- GUINSBURG, J.; BARBOSA, A. M. (Orgs.) **O Pós-Modernismo**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

PROPOSTA CURRICULAR DE SANTA CATARINA: educação infantil, ensino fundamental e médio: (disciplinas curriculares) /Coordenadoria Geral de Ensino de Santa Catarina. -Florianópolis: COGEN, 1998.

REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL. Secretaria de Educação fundamental. Brasília, MEC/SEF, 1998.

RICHTER, S. R. S. **A dimensão ficcional da arte na educação da infância.** 2005. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005.

TATIT, A.; MACHADO, M^a S. M. **300 propostas de artes visuais.** 2 ed. São Paulo: Loyola, 2004.

WALLON, H. **As origens do pensamento na criança.** São Paulo: Manole, 1989.